

NATUREZA HUMANA E ÉTICA DA COMUNICAÇÃO

Adisia Sá

Tenta encontrar postulados para a Ética da Comunicação,
à luz da Filosofia.

Sobre a natureza ou essência do homem, tento edificar
uma Ética da Comunicação. (1)

Devo, então, antes de conceituar Ética da Comunicação,
enunciar o que entendo por “natureza humana”.

Sei que a expressão “natureza humana” tem, em si, am-
bigüidades. A partir da análise :“natureza” e “humana”, a com-
preensão do que seja “natureza humana” talvez se torne mais
próxima do entendimento, como a emprego.

Esta colocação se faz necessária, não apenas para mim,
que desenvolvo o tema, como para o leitor. Há inúmeros tra-
balhos que tratam do assunto e variados são os conceitos, par-
tindo uns da visão religiosa — onde Deus se torna o centro

(1) — A expressão “natureza humana” nem sempre é aceita, consideran-
do-se o peso histórico que está sobre ela. Mas, emprego a expressão
não tomando natureza humana como algo eterno e imutável, dado
de uma vez para sempre, não. Natureza humana significa, para mim,
atributos definidos, próprios, específicos do homem, sobre os quais
o tempo e o social se assentam, valendo dizer, então, que tais atri-
butos, radicalmente os mesmos, se manifestam no tempo/social, como
frutos imediatos/mediatos do mundo.

Da tese de titular: “O homem e os espaços existenciais como formas
de Comunicação”.

— enquanto outros se deixam conduzir exclusivamente pela ótica naturalista.

A conceituação, então, é indispensável e é o que farei ao longo das páginas seguintes.

Antes, todavia, é necessário chamar a atenção para o que realmente me proponho neste trabalho.

Como disse, sobre a natureza humana pretendo edificar a Ética da Comunicação, em sentido mais restrito do que as linhas expostas exigem.

Natureza pode ser entendida como físico e também como qualidade. (2)

Natureza, como físico, é o mundo. (3)

Natureza, como atributo, é aplicada ao homem.

Humana, sempre referente ao ser humano, à espécie humana.

Natureza humana é, então, a gama de atributos próprios do ser humano. (4)

Pascal tem, nos “Pensamentos”, momentos que tomo como objeto desta reflexão, quando tenta responder à pergunta:

“Que é o homem na natureza?”

“O homem é, em si mesmo, o objeto mais prodigioso da natureza.”

E, finalmente:

“Perdida a natureza verdadeira, tudo se torna sua natureza.”

Quando Pascal pergunta: “Que é o homem na natureza?” coloca o homem como parte da natureza. Natureza física, cósmica, sem dúvida.

Pascal responde: “O homem é, em si mesmo, o objeto mais prodigioso da natureza”. Com isto Pascal afirma a ori-

(2) — Para Marx, por exemplo, natureza significa o mundo criado pelo homem.

(3) — Em sentido lato chama-se natureza o modo de ser de cada ente, tal como lhe compete sua origem. (Dicionário de Brugger).

(4) — “Denomina-se natureza, como todo completo, a totalidade dos seres que possuem uma natureza sujeita ao devir.” (Brugger)

gem do homem, a sua raiz, a sua emergência da natureza física.

O homem é o objeto mais prodigioso, sim, da natureza.

Quando Pascal, finalmente, diz: "Perdida a natureza verdadeira, tudo se torna sua natureza", está em pleno campo da essência humana, ou seja, da natureza humana. Pascal, neste instante, trata das inclinações naturais do homem, dentre as quais aponta a "felicidade".

"Todos os homens procuram ser felizes".

E mais:

... "Esse desejo, sendo natural do homem, porquanto se encontra necessariamente em todos."

Pode-se falar, então, em natureza humana como algo próprio de todos os homens, constituída de inclinações ou desejos, atributos ou qualidades comuns a todos os homens.

A natureza humana é algo dinâmico, em devir, e não estático e definitivo, visto que todos os homens não se encontram no mesmo tempo e no mesmo espaço e sim no tempo e no espaço. Vale dizer que estas inclinações, desejos, atributos e qualidades são as mesmas na sua natureza, mas de nuances diferentes e de realizações também diferentes, segundo o tempo e o espaço.

O homem tem atributos próprios, específicos, únicos, exclusivos e é sobre esta gama que se edifica a Moral. Vale dizer que a posição que tomo em relação à natureza humana diz respeito à própria natureza humana, sem interferência de outro elemento, quer Deus, quer meio.

Falo na natureza humana como algo específico do homem, repito, sem discussão sobre a presença ou não de Deus na origem ou criação desta natureza. Também não entro no mérito da evolução histórica inevitável, de que nos fala a teoria marxista. (5)

(5) — As discussões sobre a natureza humana são mescladas com outras relacionadas com Deus, livre arbítrio, determinismo, materialismo, imortalidade da alma. Procuro evitar estas linhas por serem sinuosas demais, embora atraentes, para um trabalho como este. Marx, como vimos, afirma que a "verdadeira natureza do homem é a totalidade

Para mim, natureza humana é a explicação para o comportamento do homem, variado no tempo e no espaço nas manifestações externas, sim, mas constantes nas suas raízes.

O desejo de ser feliz, a que se refere Platão, por exemplo, é constante no ser humano.

O desejo de conhecer, exposto por Aristóteles, também é constatado no ser humano desde os seus antepassados mais remotos, o mesmo se dizendo em relação à sociabilidade do homem, também expresso pelo Filósofo.

Falo nos espaços existenciais:

- corpóreo
- gnoseológico
- expressivo

tendo em mente a natureza humana como base destes mesmos espaços. E procurei, notadamente na Antropologia, reforço para este ponto. E, salvo melhor juízo, encontrei.

Os mais primitivos antecessores do homem tiveram comportamentos que demonstram, mesmo implicitamente, a presença desses espaços existenciais. E tais espaços existenciais hoje, como ontem, são visíveis no homem.

Sobre a análise da natureza humana, então, retiro espaços existenciais, e sobre estes edifico a Ética da Comunicação.

Não desenvolvo a Ética dos espaços existenciais, pois que seria tarefa muito pesada para os propósitos deste trabalho e para os meus próprios limites. Restrinjo-me, repito, e o mais possível, à comunicação.

Para os três momentos abordados por mim como “espaços existenciais”:

- corpóreo
- gnoseológico
- expressivo

das relações sociais”. E mais: “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência.”

tomei como ponto de apoio, na literatura filosófica, já o disse, Aristóteles e Pascal.

Espaços existenciais:

- corpóreo (o homem é um animal social — Aristóteles);
- gnoseológico (todos os homens têm, naturalmente, o desejo de conhecer — Aristóteles);
- expressivo (o desejo de ser feliz — Pascal).

Não analiso, então, neste trabalho, teorias sobre a natureza humana, nem do campo filosófico, nem científico propriamente dito e há teorias muito interessantes, mas não vêm ao caso citá-las no momento.

Algumas são do meu particular interesse e conhecimento, mas este trabalho não visa comentar ou analisar teorias do meu particular interesse ou conhecimento, mas procura levantar uma questão e tenta torná-la compreensível para os outros.

Procuró falar na natureza humana como um conjunto de atributos propriamente humanos, é verdade, embora reconheça que animais, notadamente os nossos parentes mais próximos, os mamíferos, sejam, também, dotados de alguns destes atributos, para eles empregando eu a expressão “instintos”. (6)

Quando falo em natureza humana, volto a insistir, estou falando de atributos próprios, comuns ao homem.

São atributos encontrados em todos os homens: tempo e lugar.

São atributos biológicos e culturais também. Culturais porque biológicos. São atributos encontrados na espécie humana e no meio ambiente. No meio ambiente porque são próprios da espécie humana. São atributos encontrados no indivíduo e na sociedade. Na sociedade porque são próprios do indivíduo.

(6) — Não quero dizer que os homens sejam destituídos de instintos. Apenas enfatizo “instintos” para os animais e atributos (mesmo os classicamente considerados instintivos) para o homem. Lorenz trata dos chamados “grandes impulsos” — a alimentação, a reprodução, a fuga e a agressão — como padrões fixos, instintivos, inatos, hereditários, não exclusivos de animais, mas comuns ao homem.

São atributos instintivos e moldáveis. Moldáveis como instintivos, isto é, permanentemente abertos às pressões do meio, tanto sociais, como culturais.

São atributos universais e inevitáveis, mas de roupagens variadas.

Isto, para mim, a natureza humana.

1 — ÉTICA DA COMUNICAÇÃO

“Deus criou a forma a partir do caos e nós criamos o caos a partir da forma.”

Rollo May

Somos herdeiros de tudo que existe, e nossas transformações foram ocasionadas, sob pressão, pelo meio ambiente.

Isto significa “que não são evoluções ao acaso que levam ao progresso evolutivo. É a seleção que faz e seleção é o oposto de acaso”, afirma Lewis.

Não é isto o que diz Monod, mas entre um autor e outro optei por Lewis. É um direito que tenho, o de selecionar autores e escolher teorias. Nada por acaso...

Se não há acaso na evolução, por que haveria na comunicação? Tenho a mania de dizer: no mundo do homem não há acasos, há intenções. É isto que pretendo demonstrar neste capítulo sobre Ética da Comunicação ou “acaso e intencionalidade.”

A comunicação se insere na Ética desde que ela representa o dever e a Comunicação o expressar. (7)

Considerar a Comunicação como um todo vale dizer que não se a encara apenas como o *que* é (ou o que se comunica). Importa enquadrá-la na ótica ética ou, noutras palavras, sig-

(7) — Dever — ter obrigação de. Ter de. O que devo fazer? Para que devo fazer? Por que devo fazer? O que devo comunicar? Para que devo comunicar? Por que devo comunicar? Expressar, no sentido lato: dar a entender, a conhecer. Enunciar: exprimir, manifestar, significar, expor por palavras ou gestos. Representar por meio da **arte**.

nifica aceitar uma direção à conduta do homem ou o *que deve ser comunicado*.

Animal racional por excelência, o homem não apenas se expressa, como quer saber porque se expressa.

A busca da racionalidade da comunicação é tarefa do comunicador no que diz respeito à natureza humana. A Ética cabe dizer o que o homem deve comunicar.

É verdade que Adolfo Sanchez Vazquez se coloca na linha de que cabe à Ética, como teoria, explicar e não recomendar com vistas à ação em situações concretas. Quando afirma que cabe à Ética dizer o que o homem deve comunicar, não estou dando à Ética o papel de pauteira de ações ao homem, imperativamente, e sim o de dizer o que deve ser comunicado. Obrigar o homem a comunicar isto ou aquilo vem sendo, no correr dos tempos, tarefa do Poder.

Aristóteles diz que os "homens são, por natureza, suficientemente propensos para o verdadeiro e na maioria dos casos alcança a verdade."

E mais: "Não se deve persuadir o que é imoral."

O que se deve comunicar é, então, objeto da Ética da Comunicação. (8)

Ora, se o homem é racional, é lógico que se conclua que não só se expressa racional e logicamente (pondo ordem onde há caos), como é possível a análise de sua expressão.

E a análise dessa expressão "pode servir de guia ao homem para resolver seus problemas no plano individual e, no plano comunitário, pode-se obter uma conformidade no comportamento social."

A Ética da Comunicação estuda o que deve ser comunicado e nesta análise ficam implícitos o *porquê* e o *para quê*

(8) — Emprego **Comunicação** como um estatuto do homem, isto é, como algo racional, pensado, intencional. Coloco a Comunicação na categoria da racionalidade. O homem é, acima de tudo, um animal que estabelece comunhão, que comunica "aos outros não apenas coisas externas a ele, mas também ele próprio e suas ações mais íntimas de consciência, idéias, volições, estados d'alma", na expressão de José Marques de Melo.

da Comunicação, (porque o homem se comunica de tal maneira e não de outra e para que deve comunicar.

O que deve ser comunicado?

Esta questão se radica no cerne da Ética da Comunicação.

O que deve ser comunicado, na perspectiva filosófica, significa Ética da Comunicação.

Cabe, sem dúvida, à Ética, dizer o que deve ser comunicado, mas cabem ao homem a resposta, o posicionamento, a ação. Colocado o homem na sociedade, vai caber a ela sociedade e não a ele, homem, ditar a resposta, o posicionamento, a ação.

Comunicação será, como dizem os lingüistas, a transmissão de informação ou a transferência de símbolos? Ou, ao contrário, como pensa Karl Jaspers, a comunicação é existencial, isto é, ligação do homem com as coisas, com as idéias, com a comunidade, ou coexistencial, com os "outros", como doutri-na Heidegger?

Não vale apenas existir, mas coexistir. Mas, como o homem coexiste? Isto dito, qual o *meio* que liga os homens entre si?

A língua, como transmissão de símbolos verbais? (9)

O homem, como animal racional, liga, reúne, relaciona. Vale dizer que o homem busca sentido nas coisas, nos acontecimentos, nos fatos.

"O real é racional", lembra Hegel, o que significa que o homem pode entender o acontecido, o acontecimento, o acontecer.

A Ética da Comunicação procura explicar a comunicação teorizando sobre o que deve ser comunicado. A tarefa da mente é lógica: procura entender e para entender se faz necessário ordenar. O grande temor do homem é o caos, a desordem. A sua angústia maior reside no temor de perder a sua humanidade pelo isolamento, pelo caos, pela desordem, pelo vazio de sentido. A comunicação se radica na humanidade do ho-

(9) — Platão e Sêneca achavam que a amizade e o amor eram o meio de ligação entre os homens. Kant, o respeito, e Max Scheler, a simpatia.

mem, isto é, na sua irresistível atração pelo que está fora. Para não perder-se dentro de si, o homem comunica. Para não perder-se fora, o homem comunica. Sobre este ponto reside o *porquê* o homem se comunica.

A angústia da solidão responde pela natureza da comunicação: o homem busca o outro para ser, para completar-se.

Eu me angustio, logo me comunico. (10)

A comunicação seria a ordem, isto é, a relação ou a razão. (11)

O que deve ser comunicado?

Esta pergunta pode ser vista sob o prisma da *ordem*, no sentido lato, ou ligar, reunir.

A Ética da Comunicação se coloca nitidamente neste ponto: o que deve ser comunicado.

Sucede que o que deve ser comunicado se assenta, também, em postulados políticos e jurídicos.

Quais são estes postulados? É o que veremos em seguida.

O homem teme a desordem, porque a desordem é a babel, a desunião, o desgarramento, o isolamento, o abandono, a solidão.

O que é a ordem e quem a determina?

O que deve ser comunicado é tarefa da Ética da Comunicação, sem dúvida. Considerando-se, entretanto, a comunicação como necessidade que o homem tem de unir-se ao outro e mais do que isto como necessidade que o homem tem de entender (pôr em ordem...) a comunicação não pode ser encarada apenas sob a ótica da Ética, como também do Direito e da Política.

O que é a ordem?

O problema pressupõe dois pontos: o indivíduo/indivíduo; a sociedade/indivíduo.

(10) — Diria que até Deus temeu a solidão e criou. Criou do nada, entrando em relação com o nada. Do nada fez tudo, numa linguagem bíblica.

(11) — Em grego "razão" — *logos* — significa reunir, ligar; em latim, "ratio" significa calcular, contar.

O que deve ser comunicado?

O que a sociedade determina?

Qual a ordem que cobre a comunicação sociedade/indivíduo?

Qual a ordem que cobre a comunicação sociedade/indivíduo?

Na comunicação sociedade/indivíduo a ameaça à ordem deveria ser controlada pelo Estado, através de adequado tratamento dos canais de informação social, valendo dizer que este tratamento levaria ao controle dos canais de informação ou unificação da informação, centralização destes mesmos canais de informação pelo Estado. (12)

“As razões do Estado deveriam prevalecer sobre as do indivíduo, embora esse mesmo Estado se apresente como emanção da vontade dos indivíduos que o compõem.”

Aristóteles diz na Metafísica: “Todos os homens, por natureza, desejam conhecer.”

Significa que conhecer é um direito natural do homem, isto é, uma exigência interior decorrente da própria natureza do homem como ser-encarnado-no-mundo.

A pergunta que se formula, então, à Ética da Comunicação, é esta: o que deve o homem comunicar para satisfazer este desejo natural de conhecer? O que deve a sociedade comunicar para que o homem satisfaça o seu desejo natural de conhecer?

A Ética da Comunicação dirá o que deve o sujeito comunicar ao sujeito (indivíduo/indivíduo), como dirá o que a sociedade deve comunicar ao sujeito (sociedade/indivíduo).

Precisamos, outrossim, saber o porquê deste *deve* (dever). O porquê como fundamento, instância última e não “razões”, “motivos”.

Esta indagação levanta uma das questões básicas da Ética da Comunicação: a essência ou natureza do homem.

(12) — Convém ler Ideologia da Sociedade Industrial, de Marcuse; Cibernética e Sociedade, de Wiener; 1984, de George Orwell; Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll.

Será a partir do estudo da essência ou natureza do homem que se pode e se deve falar no porquê da Comunicação. "O que devo comunicar?" coloca-se no campo da Ética da Comunicação.

2 — O QUE DEVO COMUNICAR ?

Aristóteles dirá que toda ação humana visa um bem e que todo homem busca um bem absoluto, de que nenhum outro depende.

Noutras palavras: segundo Aristóteles, toda comunicação visa um bem. Devo comunicar, então, uma verdade.

Ao citar Aristóteles — "todos os homens, por natureza, desejam conhecer" — tentei mostrar que este desejo é inerente ao homem, isto é, faz parte de sua essência.

Significa também que as coisas, naturalmente, são para ser conhecidas pelo homem. Noutras palavras: a verdade deseja fazer-se pública, numa expressão de Jaspers.

O que devo, então, comunicar? A verdade.

Quem define, entretanto, o que é a verdade?

O sujeito? A sociedade? A sociedade em si ou a sociedade através do Poder? O Poder? Que Poder? O Poder simbolizado pelo Estado? E as outras formas institucionais de Poder não são consideradas?

Diz Jaspers: "O desejo de poder nos impelê a ocultar."

Vale dizer que em nós pode estar o desejo de ocultar a verdade, de não revelar. Em nós o desejo de poder. Em nós o poder, então, de ocultar...

E quando este desejo está realmente no Poder, sob qualquer forma, notadamente no Estado, e este poder emprega a violência para ocultar a verdade, quem o enfrentará?

Os homens desejam conhecer, eis a categoria inicial da comunicação: necessidade de conhecer, espontânea.

Os homens devem conhecer, eis a segunda categoria da comunicação (gerada pela primeira, ética, jurídica).

Como direito é gerado pela necessidade, direi que o homem tem direito à comunicação.

A sociedade, na qual estão inseridos os meios de comunicação e o próprio homem, é regida por forças estabelecidas que interferem na comunicação.

Que forças são estas?

Dentre as forças (condições) que interferem na comunicação (indivíduo/indivíduo, sociedade/indivíduo) temos a língua, a família, a escola, enfim, o todo social. (13)

No Brasil o direito ao conhecimento — informação — tem sido escamoteado, quer pelas empresas jornalísticas (seus interesses estão quase sempre acima dos interesses gerais) quer pela interferência do Estado (autoritarismo e censura) desde os primeiros instantes de nossa Imprensa até os dias atuais.

Não devemos esquecer, também, de outros aparelhos que cerceiam o direito à informação no Brasil, como se refere Fernando Jordão:

“Toda sexta-feira, Dom Paulo ou seu assessor de comunicação social convocavam a Imprensa para entrevistas a que nós, jornalistas, por pressão da censura ou dos patrões, por comodismo, incompetência profissional ou inconsciência política, muitas vezes deixamos de dar cobertura ou divulgação.” (14)

(13) — A língua é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da Comunidade. Por outro lado, o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento... na expressão de Saussure.

(14) — Althusser consubstancia estas forças no Estado que, por sua vez, sustenta-se no chamado **aparelho** de duas faces: repressivo e ideológico.